# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral dos correios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

21.º Anno — XXI Volume — N.º 696

30 DE ABRIL DE 1898

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 1*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Continua a anciedade pelas noticias da guerra. Augmenta a tiragem dos jornaes. Os garotos apregoam-os em altos berros, com *á-ultimas-horas*, que se ouvem a um kilometro.

Os telegrammas da noite apparecem em grossas letras normandas nos jornaes da manhã; os jornaes da tarde publicam os ultimos telegrammas do dia em negras letras maiusculas. De quando em quando, apregóam-se supplementos. Mas, até ao momento em que escrevo, a noticia da victoria dos hespanhoes, anciosamente esperada, não chegou.

Os movimentos das esquadras são por emquanto misteriosos.

Varios couraçados, cruzadores, canhoneiras, avisos e torpedeiros americanos acham-se nas aguas de Cuba; mas a respeito de operações militares só consta por emquanto o aprisionamento d'um ou outro navio mercante.

O bombardeamento da Havana começou; mas parece ter sido suspenso. Diz-se que o almirante Simpson espera a chegada dos monitores que ficaram em Cayo-Hueso.

Parece que a esquadra americana, que se achava em Hong-Kong, recebeu ordem para ir atacar as Filippinas.

E todos esperam uma intervenção das potencias, affirmando-se que a Russia dará á nossa visinha a protecção que a Inglaterra dispensar aos Estados-Unidos.

Os corações portuguezes estão pela maior parte ao lado da Hespanha. A esperança alvoroça-os. Dia a dia, cresce a impaciencia.

Noticias aterradoras, duras consequencias da guerra encetada, carestia dos generos, fabricas fechadas, correram com a velocidade de todas as más novas.

Mas o homem da *Noite e o Dia* escreveu uma grande verdade.

Les portugais
Sont toujours gais.

E por isso os theatros enchem á cunha e o povo demonstra a sua sympathia pela Hespanha, applaudindo delirantemente o Reverte, o Conejito, o Faico, o Algabeño, o Guerrita e o Quinito.

A Duse despediu-se. O Novelli chegou. O Vico annuncia a sua estreia no theatro do Principe Real.

A grande actriz italiana, por muitos considerada a mais famosa do mundo, attrahiu ao theatro D. Amelia, máo grado a carestia dos preços, quanto em Lisboa se interessa pela arte. No galinheiro do theatro viram-se por vezes, applaudindo freneticamente, senhoras da mais alta sociedade, ao lado do pobresinho que fizéra, bem lhe custando, mas um dia não são dias, o sacrificio das duas corôas.

A Duse deixa-nos uma saudade immensa. E' realmente um assombro.

Vai correndo o mundo, enchendo-se de glorias, como aerolito incendiando o céo por onde passe. E' inapagavel a impressão que deixa.

Deve brevemente representar no Porto. Já não irá a Hespanha, apesar da enorme assignatura com que a esperavam os hespanhoes.

A guerra que importa? Ainda mais é preciso desannuviar os espiritos. E tanto assim lá o entendem, que foram extraordinarias as festas de Sevilha e concorridissimas as toiradas.

Teem razão. Esmorecer porque, quando se é hespanhol?

A Duse não irá, porque se entristece ao pensar no terrivel flagello, que tão cruelmente cahiu sobre um povo de raça irmã da sua.

No dia em que a grande actriz se despediu de nós, a empreza do theatro D. Amelia mandou collocar na parede do foyer uma lapide commemorativa da estada em Lisboa da extraordinaria interprete da Dama das Camelias, da mulher da

CAMPOS SALLES — NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Tankeray, da Adriana Lecouvre, da Hedda Gabler, da Locandiera.

Mais que o marmore e as letras d'oiro será duradoura a memoria dos nossos corações, que tanto vibraram.

Parte a Duse chega o Novelli, um grande artista tambem, da mesma patria, de identicos ideaes.

E' enorme o repertorio que nos traz, no qual figuram as melhores tragedias e comedias de Shakespeare juntamente com peças celebres de muitos auctores modernos, alguns quasi desconhecidos em Portugal, como Tolstoi, Ibsen e Tourgueneff.

Que poderiamos nós ver de melhor n'aquelle mesmo palco onde a Duse nos deu tamanhas, encantadoras commoções? Ainda o chão está molhado pelas suas lagrimas, que verdadeiras lagrimas subidas do coração aos olhos, vimos correr pelas faces pallidas da actriz cheia de sentimento, d'alma vibrando a todas as commoções do personagem.

Novelli assim é tambem artista, que facilmente se deixa suggestionar pelas paixões do papel que representa, sahindo do palco, cançado, extenuado, nervoso, quando a scena o obrigou ao soffrimento.

Talento malleavel mais do que nenhum, não acabaram no theatro D. Amelia as noites de verdadeiro jubilo artistico.

Vico, o maior dos actores hespanhoes, tambem muito brevemente se deve apresentar ao publico de Lisboa no theatro do Principe Real.

Esteve entre nós ha seis annos, e todos devem recordar-se ainda, máo grado a má epocha em que então veio, pleno verão, do enthusiasmo com que foi acolhido.

E grande tambem o seu repertorio e diz-se que dará entre nós quinze recitas, devendo começar pela *Morte Civil*.

O theatro fica um pouco fóra de mão, as algibeiras estão algum tanto esgotadas; entretanto desejamos a Vico, gloria do theatro hespanhol, o melhor dos acolhimentos.

A nossa sympathia pela Hespanha, ha de revelar-se acclamando os seus filhos mais queridos. A hospitalidade é sempre um dever; requintemol-o agora.

Soffrem os nossos irmãos; noticias aterradoras, felizmente quasi todas ellas desmentidas, correm apertando os corações; é balsamo então uma caricia, uma palavra boa, o mostrar um coração que tambem soffre por sympathia pela dôr d'um outro.

A guerra tão discutida e que tão anachronica nos parece, será por vezes um bem, quem sabe? Na lucta retemperam-se as almas. Mas é triste pensar-se que o assassinato legal de milhares de homens seja ainda a unica forma de resolver as questões, sem dó de tanta vida ceifada, de tantas mães em lagrimas, de tantos paes que tanto sonhavam e cujos sonhos destroe uma bala estupida e cruel.

Se a humanidade tem que pôr todas as suas esperanças no progresso da sciencia, como é triste vel-a applicada aos engenhos destruidores, a todas essas composições chimicas, que só deveriam servir como a mais poderosa força de applicação ás machinas da industria!

E, emquante uns assim pensam na destruição, ainda os ha, felizmente, que apenas se dedicam ao melhoramento do bem estar da humanidade, procurando baratear os productos, diminuir as distancias, annular os inimigos dos homens, debelar as causas das molestias.

Póde um torpedo fazer engolir pelo mar quinhentas ou seiscentas vidas, póde um só tiro de canhão incendiar uma cidade, os nomes abençoados pelos seculos hão de ser os de Newton, de Gay-Lussac, de Pasteur, de Duchêne de Boulogne.

Quando um d'esses homens morre, a humanidade veste-se de lucto, por que elle muitos luctos evitou.

Cada um que desapparece, pela lei fatal e eterna, seja qual fôr a sciencia, a vida de trabalho a que se dedicou, deixa de si memoria perduravel e lagrimas arranca a muitos.

O medico é sobre todos aquelle a quem mais devem sempre os corações, cujas afflicções diminuiu ou fez desvanecer.

Ainda, ha bem poucos dias, a prova do que dizemos tivemol-a no enterro de Abilio de Mascarenhas, um medico distinctissimo entre todos, que um sem numero de amigos acompanhou á sepultura.

A sciencia progride e isso nos vale. Só ella desanuvia os horizontes.

A electricidade continua a fazer maravilhas. As suas applicações therapeuticas abriram um novo horizonte de esperanças a milhares de desgraçados.

O Doutor Virgilio Machado, distincto professor de chimica no Instituto Industrial de Lisboa e director do Instituto de electricidade medica, radioscopia e radiographia (raios X) e do Laboratorio de analyse chimica, junto ao seu consultorio medico da Rua de Santa Justa, acaba de publicar um interessantissimo folheto, illustrado com magnificas gravuras, pondo em relevo todo o progresso da electrotherapia scientifica, fundada por Duchêne de Boulogne, o iniciador de neuropathologia na Europa e a quem a França acaba de erigir um monumento á entrada da Salpêtrière.

Bom é que se vulgarisem certas noções sobre o grande auxilio que a electricidade veio prestar á medicina, e bem haja por isso o Dr. Virgilio Machado, o director do novo instituto.

O seu livro passa em revista todas as acções biologicas da electricidade, hoje tão aproveitada na cura e no diagnostico de milhares de doenças, que, ha tempos, vinham sem deixar quasi esperanças, affligindo a humanidade.

Salvam uns as vidas que outros nos querem tirar. Uns gritam *força*, outros gritam *miseria!* Para quaes d'elles devem ir os nossos corações, para quaes a gratidão?

Cada dia que passa traz-nos uma esperança e uma lagrima. A media da mortalidade humana diminue dia a dia, devido aos esforços dos homens da sciencia, e cresce brutalmente, quando um outro, obcecado por esse nome vão que se chama gloria, descobriu a forma de por uma só vez annullar mil vidas.

Será a guerra talvez uma necessidade. Sel-o-hia por certo, se, como em crença antiga, Deus estivesse sempre ao lado da justiça. Mas os juizos de Deus não podem ser discutidos pelos homens.

Se a guerra demorar poucos dias, enchará de gloria a Hespanha, é essa a nossa crença; mas se ella se prolongar mezes, annos, o dinheiro será o vencedor e os Estados-Unidos cantarão victoria.

Alenta-nos o que em Hespanha se está passando. O espirito publico não esmoreceu. As festas continuam. Continuam abertos os theatros, são concorridissimas as toiradas.

Para se ver como a alegria ainda anima aquellas almas, uma anecdota colhida n'um jornal hespanhol:

— A guerra é o meu elemento! dizia um homem.

— O sr. é militar?

— Não, sr.; sou genro.

*João da Camara.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### CAMPOS SALLES

Novo presidente eleito da Republica dos Estados-Unidos do Brazil

Dentro em poucos dias deve estar em Lisboa o novo presidente da republica dos Estados-Unidos do Brazil, Campos Salles, candidato triumphante nas eleições para a presidencia, realisadas o mez passado, no Brazil.

Campos Salles vem fazer uma viagem pela Europa, tratar talvez, de altos interesses para a nascente republica, que tão salteada tem sido de perturbações internas, n'estes primeiros tempos do seu advento.

O novo presidente reune qualidades que o recommendavam para os mais elevados cargos da governação, e por isso o seu nome estava de ha muito indicado para a presidencia da republica, de que elle tem sido um dos mais strenuos defensores.

Campos Salles foi ministro de Deodoro da Fonseca, quando este formou o primeiro governo da repulica, e na sua pasta da justiça foi um reformador das leis penaes, no sentido mais liberal e humano.

Senador da republica, tem sido um dos mais notaveis oradores da tribuna, mostrando sempre os grandes recursos da sua intelligencia a par da honradez de caracter.

Prudente, mas energico, são qualidades que certamente garantem o bom governo, que deve moralisar a administração e trazer dias de tranquilidade e progresso ao Brazil.

### BARTHOLOMEU SESINANDO RIBEIRO ARTHUR

Auctor do livro *Arte e Artistas Contemporaneos*

Eis um nome que se impõe pela sympathia que merece em o nosso mundo artistico, onde Ribeiro Arthur professa o culto da Arte.

Podem os galões de major honrar a sua carreira militar, das mais distinctas, e as condecorações que lhe esmaltam o peito distinguir o comportamento exemplar e os serviços de official brioso e prestante, quer na fileira quer no gabinete, que em uma e em outro os tem valiosos, mas se o dever o agrelhôa aos compromissos da sua vida official, o seu coração vive para o amor do bello; para o ideal creador, que ora seduz na obra prima da esculptura, ora encanta na téla do grande pintor, ora arrebata nas estrophes do poeta, ora delicia nas harmonias da musica, que se chama a Arte!

E comtudo elle não é um artista; Deus sabe com que magua o não é. Como elle trocaria a sua espada pela paleta ou pelo cinzel; como se sentiria melhor no campo com os pinceis e a téla, copiando a paizagem; o choupo que se inclina para a beira do rio, o salgueiro que beija a agua corrente, as estevas e as giestas que douram a serra, os pomares floridos que embalsamam o ar, e o casal do monte onde se agita a vida da lavoura, ou a casinha da encosta simples e modesta como os seus habitantes, alvejando entre o arvoredo que lhe dá sombra e onde os passaritos cantam saltitando pela ramaria. Como tudo isto lhe enlevaria muito mais a sua alma de artista, do que o compasso e o theodolito a levantar plantas e a medir distancias no papel.

E tanto o enleva, que por vezes chega a dominal-o, e então, em diliciosas aguarellas, rouba á natureza bocadinhos de paisagem, como os que tem apresentado nas exposições do *Gremio Artistico* de que foi um dos fundadores.

Artista por indole. Militar por dever.

* * *

Filho do general Sesinando Ribeiro Arthur, seguiu, como seu pae a carreira das armas, principiando os estudos no Collegio Militar e terminando-os na Escola Polytechnica, de modo que em janeiro de 1878 foi promovido ao posto de tenente para o regimento de infanteria 4. Em 31 de outubro de 1884 foi promovido a capitão, passando a infanteria n.º 1, sendo depois collocado no estado maior por ordem do exercito de 16 de junho de 1885.

N'este posto é nomeado para fazer parte da commissão de lemites das fronteiras entre Portugal e Hespanha, sendo encarregado dos trabalhos de gabinete e por vezes dos de campo. No gabinete desenhou a planta da fronteira, na escala de 1/100 000 com a designação dos respectivos marcos, trabalho que está patente no Ministerio dos Estrangeiros, acompanhado de uma memoria descriptiva. No campo, acompanhou o commissario hespanhol, coronel D. Maximo Ramos Jorcajo, que em 1886 foi proceder á triangulação dos terrenos da famosa Contenda de Moura; e auxiliou o commissario portuguez, general Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, na elaboração da sua memoria sobre a dita contenda, publicada em 188..

Esta commissão terminou em 1893, sendo Ribeiro Arthur collocado em infanteria n.º 7 d'onde tornou a passar ao Estado Maior por ordem do exercito de 20 de janeiro de 1894 e nomeado ajudante de campo do general inspector geral de infanteria.

Exonerado d'esta commissão, em 7 de fevereiro de 1895, foi promovido a major indo servir em infanteria n.º 20 como commandante do segundo batalhão d'este regimento, aquartellado em Barcellos.

Em janeiro de 1896 passou ao regimento de caçadores n.º 2, onde se acha actualmente.

As distincções que lhe tem sido conferidas, recompensam os seus serviços como official intelligente e prestante, nas commissões que tem desempenhado, por isso além da medalha de prata por comportamento exemplar, Ribeiro Arthur é cavalleiro das ordens militares de S. Bento de Aviz, Nosso Senhor Jesus Christo, S. Thiago, Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da ordem de S. Bento, commendador de Izabel a Catholica e tem a Cruz de 2.ª classe de Merito Militar de Hespanha.

Estas breves notas resumem a sua vida militar, sempre em serviço activo no exercito, o que não tem impedido de encontrar ainda tempo para cultivar a arte, aguarellando lindas paizagens e

costumes, colhidos do natural, nas suas digressões pela provincia, e, mais do que isto, reconstruindo os antigos uniformes do exercito portuguez desde o principio do seculo, de que pintou uma preciosa collecção de aguarellas, que offereceu á Bibliotheca do Museu de Artilheria, collecção muito completa e que constitue valioso subsidio historico, tão curioso quanto importante.

Mas não é só esta a feição artistica de Ribeiro Arthur, porque as suas criticas d'arte, desapaixonadas, correctissimas na forma e no conceito, sem exaggeros, estudando e procurando dar a nota justa do seu sentir, lêem-se com utilidade e com prazer, como as paginas dos seus livros *Artes e Artistas Contemporaneos*, que mais vieram pôr em evidencia, o critico e o escriptor.

Estes dois volumes, um publicado em 1896 e outro publicado agora, são por assim dizer a historia do renascimento da arte portugueza, iniciado por Silva Porto, o malogrado artista que tão cedo envolveu a sua paleta nos crepes da morte.

Ribeiro Arthur reuniu n'estes volumes os seus artigos dispersos nas folhas diarias e juntou-lhe os prefis moraes de uma boa parte dos artistas de agora, acompanhando-os tambem de retratos em photogravura.

De como este trabalho é feito dil-o melhor, do que nós o poderiamos dizer, Fialho d'Almeida n'estes periodos com que prefaciou a obra de Ribeiro Arthur.

«Tal é, em quatro palavras, a historia evolucionada da pintura nacional dos ultimos quinze annos, cujo esqueleto deixo, rude e nuamente raspado de tecidos decoraes, para que o leitor, desencantado do meu secco discurso, veja surprezo a maneira fidalga, colorida, artistica e boa por que o meu amigo Ribeiro Arthur traça em largos e detalhados retratos o melhor da *melée* dos pintores que fundaram e propulsaram aquelle movimento artistico, para todos sympathico.[1] Ribeiro Arthur é uma curiosa organisação de homem moderno, alliando a intelligencia ao methodo, e chegando por voluntariosas tentativas aos resultados de uma multiplicidade de aptidões.»

«Como official do exercito, escolhem n'o para missões de confiança; os seus quadrinhos recortam na silhueta do militar o quer que seja de um rosicler de artista, que sente a côr e caça ao pittoresco; e do que elle seja como homem de letras, dil-o este livro, onde alguns pontos de critica fulguram, e impressionabilidades tão finas se revellam. Collega e intimo de quasi todos os pintores que retrata, e homem de coração fidalgo, antes de artista, nem sempre coragem lhe sobrou para dizer d'um ou d'outro a palavra terrivel, mas essa crueza desmontaria o livro, não é verdade? do seu engaste affectuoso, e confrangeria uma penna que naturalmente sociavel, gosta mais de aperceber aspectos gratos e se molhar em tintas de sorrir. De mais a obra de Ribeiro Arthur, mesmo assim benigna de criterio e no estado de notulas á margem dos individuos ou dos quadros, é quasi um roteiro completo da pintura portugueza, de Silva Porto até hontem, e não julgo pequeno serviço reunir noticias e datas sobre um capitulo de actividade esthetica que sem elle ficaria enterrado no banal noticiario das folhas, e litteralmente esquecido em poucos annos. Este o lado moral da obra, que entretanto tem outros aspectos, chegando como litteratura a produzir no leitor uma grande somma de prazer.»

---

BARTHOLOMEU DIAS

DESCOBRE O CABO DA BOA ESPERANÇA

*Collocação do padrão de S. Filippe*

O descobrimento do caminho maritimo para a India é a coroação do arrojo de varios navegadores portuguezes pela energia de Vasco da Gama; e decerto que algum d'esses audaciosos mareantes que precederam o grande nauta teria chegado ás terras gangeticas se possuisse a extranha e singular energia que immortalisou a Vasco da Gama.

A primeira balisa no caminho da India foi o ousado Gil Eanes quem a marcou dobrando o cabo Bojador. A segunda assentou-a Bartholomeu Dias, descobrindo e passando ainda além do Cabo da Boa Esperança.

Gil Eanes é um dos navegadores portuguezes que n'este momento mais merecia uma justa rememoração.

Gil Eanes prestou um grande serviço á sua patria e á civilisação. Foi elle o primeiro que arrostou contra a barreira levantada deante da imaginação dos homens do occidente, quebrando o encanto, que lhes cerrava o accesso para regiões desconhecidas, essas phantasias que se desfizeram como nuvens logo que houve um homem de coragem e de intrepidez. Esse homem foi Gil Eanes. Não esqueçamos pois o mais illustre de todos, o primeiro na audacia, o grande navegador portuguez que ousou affrontar os terrenos do desconhecido; e muito principalmente no momento tão solemne em que se celebra a coroação da sua intrepidez pelo facto estupendo do descobrimento do caminho maritimo para a India.

A Bartholomeu Dias coube a gloria de firmar o segundo marco grandioso das nossas navegações, o segundo padrão levantado por mãos portuguezas no caminho para a India.

Historiemos summariamente esse facto.

Bartholomeu Dias, o celebre navegador portuguez, era descendente de Diniz Dias, o descobridor de Cabo Verde.

No dia 2 de agosto de 1486, foi lhe confiado por D. João II o commando de dois navios de cincoenta toneladas cada um, com ordem de procurar colher noticias exactas a respeito do famoso Preste João. Levava como piloto o celebre Pero de Alemquer e como subalterno João Infante, commandante da segunda caravella. O terceiro navio carregado de provisões era commandado por um irmão de Bartholomeu Dias, chamado Pero Dias.

A primeira descoberta de Bartholomeu Dias foi a de Angra dos Ilheus, hoje chamada bahia de Spenser.

Ahi levantou o seu primeiro padrão, descobriu depois o cabo das Voltas. D'ahi por deante foi a tempestade o seu piloto.

Quando ella lhe deu alguma folga, e que Bartholomeu quiz procurar terra para o Oriente não encontrou senão terra e mar. E' que passara para deante do Cabo da Boa Esperança sem o vêr, achava se ao sul do continente africano.

Voltando ao norte, achou a Angra a que chamou dos Vaqueiros. Percebendo então que a costa mudava de direcção, e esperando fazer alguma descoberta importante, seguiu para deante, mas as tripulações fatigadas instaram com elle para que voltasse a Portugal.

Bartholomeu Dias quiz proseguir o seu caminho, e ainda descobriu o rio que denominou Infante, mas as equipagens revoltaram-se positivamente e Bartholomeu Dias teve que ceder. Foi então que elle viu o Cabo da Boa Esperança, que á ida dobrara sem dar por elle.

Foi ahi que então levantou o celebre padrão de S. Filippe, em setembro de 1487, ceremonia commovente que o formoso cartão do fallecido professor Victor Bastos, representa na nossa estampa.

Bartholomeu Dias deu o nome de Tormentoso ao Cabo e voltou a Portugal desconsolado em extremo por não ter podido proseguir n'um caminho por onde presentia que havia de chegar a alguma descoberta importante.

D. João II recebeu-o comtudo muito bem, fez-lhe sentir que a sua descoberta era importantissima e tratou de mudar o nome de Cabo Tormentoso para o de Boa Esperança, denominação que ainda hoje conserva, bem como o nome de Bartholomeu Dias vive ru:ilante na memoria de nacionaes e extrangeiros.

Grande proeza a sua! Porque se não é raro ouvir-se dizer hoje que um navio de duzentas toneladas difficilmente poderá montar o Cabo da Boa Esperança, e aguentar-se no mar revolto d'aquellas paragens; sabe-se que se aguentaram as naus do Gama e dobraram-n'o, apezar da sua construcção relativamente grosseira e dos escassos recursos da navegação d'aquelle tempo; mas mais tinham feito já as duas caravellas de Bartholomeu Dias, que dobr:ram o tenebroso Cabo e eram navios de 50 toneladas apenas!

Supremo arrojo, que a historia firmou em lettras immarcessiveis.

A Bartholomeu Dias seria justo confiar um papel importante na expedição que em 1497 partiu para o descobrimento da India, mas D. Manuel não o entendeu assim, que apenas deu a Vasco da Gama o piloto e Pero de Alemquer, o qual tinha ordem de acompanhar a frota até certo ponto e seguir depois para a Mina.

Descoberto o caminho maritimo para a India e preparando-se segunda expedição, lembrou-se d'elle D. Manuel nomeando-o apenas commandante de uma das caravellas cujo commando superior era de Pedro Alvares Cabral.

N'essa qualidade tomou Bartholomeu Dias parte no descobrimento do Brazil, e depois, naufragando o seu navio no Cabo da Boa Esperança, que elle descobrira, quando a frota seguia para a India, alli morreu em 1500 o grande navegador, justificando a prophecia do Adamastor, como refere Camões:

*«Aqui espero tomar, se me não engano*
*De quem me descobriu summa vingança.»*

---

## D. LUIZ D'ATHAYDE

CONDE D'ATHOUGUIA

ULTIMO DOS GRANDES VICE-REIS DA INDIA

(Concluido do n.º antecedente)

Hidalcão fazia os preparativos de guerra contra os portuguezes, apregoando na sua propria côrte a necessidade de castigar um vassallo rebelde, mas, apezar d'esta dissimulação, alguns boatos chegaram até D. Luiz d'Athayde que, prestando attenção aos movimentos dos principes indios, desconfiou das intenções de Nizamaluco contra Chaul e penetrou no segredo da vasta conspiração em que entravam os mais poderosos reis do Malabar.

Houve um estremecimento de panico, tão temerosa era a ameaça e tão fracos os recursos para a repellir. O conselho, reunido, queria que abandonando-se Chaul e outros pontos se concentrasse toda a defeza em Gôa, pois da salvação d'esta cidade dependia a conservação do resto.

D. Luiz d'Athayde, contra o parecer de todos, entendia que o maior inconveniente em tal aperto seria dar a mais pequena prova de fraqueza; não podia consentir em que baixasse o prestigio do nome portuguez, nem que um pedaço de terra portugueza se perdesse.

Enviou immediatamente para Chaul, em auxilio do governador Luiz Freire d'Andrade, investindo-o de largos poderes, o bravo D. Francisco de Mascarenhas com quinhentos homens escolhidos, quatro galeras, cinco fustas e outras embarcações carregadas de viveres e de munições de guerra. Em seguida tratou de defender Gôa, abastecendo-a de provisões para um demorado cerco, e guarnecendo-a de soldados.

Dispunha D. Luiz de mil homens para a guarnição que repartiu por todos os pontos a defender, encarregando o importante forte de Benastarim a Fernando de Sousa Castello Branco. Mandou para o canal vinte e seis embarcações bem guarnecidas d'artilheria e de gente, sob o commando de D. Jorge de Menezes o Baroche. Receiava o vice-rei, além das frotas do Samorim, a armada turca. Effectivamente Solimão mandara apparelhar e armar em Suez vinte e cinco galeras para enviar em auxilio dos indios.

A defeza interior da cidade foi confiada ao clero secular e regular, composto d'uns trezentos individuos, que tinham ás suas ordens a população christã. Durante um anno dispozeram os clerigos de Gôa da «espada espiritual e mundana» com as quaes, diz o author dos *Portuguezes na India*, não fizeram comtudo grande mal.

Os mercadores portuguezes de Chaul não queriam crer na guerra que os ameaçava e talvez preferissem mesmo abrir as portas aos indios a estragar na defeza as casas e os seus formosos jardins. Parecia a cidade mais uma feitoria que uma fortaleza. Nizamaluco chamava-lhe — alojamento de brutos —, mas esses brutos iam ser defendidos por leões.

Pelo meiado de janeiro de 1571, chegou Nizamaluco, a sua vanguarda conduzida por Farret Khan á frente de Chaul. Trazia um exercito de cem mil homens de infanteria, trinta e quatro mil de cavallaria, vinte mil forrageadores e sapadores, trezentos elephantes de guerra, inumeros bufalos e bois de transporte e uma artilheria formidavel.

Ao mesmo tempo acampava o Hidalcão deante de Gôa com cem mil homens, trinta e cinco mil de cavallaria, dois mil elephantes, e trezentas e cincoenta peças d'artilheria. Parecia, pelo luxo, mais uma cidade de prazer que uma paragem de guerreiros o rico acampamento do monarcha oriental.

D. Luiz d'Athaide, inquieto, espreitava os movimentos do Samorim; receiava a conflagração de todos os principes do Malabar, mas, apezar da ameaça do turco, continuava na firme resolução de defender toda a India portugueza.

Já cercado pelo Hidalcão recebeu de Chaul um aviso da precaria situação da praça ante tão poderoso exercito. O conselho, reunido novamente, torna a propôr que se abandone Chaul, que se abandonem tambem os fortes de Caranja, de Bachol, de Norva e de Bardez, que se concentre a defeza em Gôa. O arcebispo de Gôa sustenta vi-

---

[1] Refere-se ao *Grupo do Leão* e ao *Gremio Artistico*.

vamente a opinião do conselho, D. Luiz d'Athaide encolerisa se e responde-lhe que — elle sacerdote, sabe de coisas ecclesiasticas e não de coisas de guerra, e portanto se contente d'encommendar a Deus os negocios nas suas orações, e, apezar dos protestos de todos, envia a Chaul o soccorro de duas galeras, commandadas por D. Duarte de Lima e por D. Fernando Telles de Menezes.

Damão e Baçaim eram incommodadas pelas correrias do Hidalcão e ameaçada Bracelor. A toda a parte chega o previdente soccorro do vice-rei. As frotas portuguezas cruzam os mares, como em tempo de paz, seguem as costumadas expedições para Malaca, Ormuz, Moçambique e Sofala.

Em desafio ao Hidalcão envia uma esquadra a Dabul, seguram-se os comboyos e transportes de mercadorias, e para a metropole partem as costumadas naus, porque D. Luiz d'Athaide quer que o reino nada soffra com a nova guerra.

O Samorim envia-lhe fingidas propostas de paz, D. Luiz responde-lhe altivamente n'uma instrucção secreta, enviada ao governador de Chale — que elle, vice-rei, não estava tão opprimido pelas guerras que sustentava que não pudesse fazer-lh'a, e não acceitava proposta alguma da sua parte sem que elle se tivesse previamente condemnado a não ter e a não soffrer nos seus portos navio algum proprio para andar a corso.

Hidalcão ia vomitando a sua artilheria contra Gôa e o vice-rei fazendo reparar de noite os estragos causados durante cada dia. Os fortes respondiam efficazmente ao fogo inimigo, e a esquadra, senhora do rio, auxiliava a defeza. Tentou o Hidalcão interceptar a corrente do rio, D. Luiz deixou-o fazer os trabalhos necessarios para esse fim, destruindo-lh'os, quando promptos, com a artilheria.

BARTHOLOMEU SESINANDO RIBEIRO ARTHUR

Auctor do Livro *Arte e Artistas Contemporaneos*

Confiara tanto o Hidalcão na victoria que d'antemão repartira pelos seus officiaes as terras de Gôa, e as mulheres portuguezas que tinham fama de formosas; estas divertiam-se em observar de longe os combates, a ver a maneira porque os seus futuros senhores se batiam.

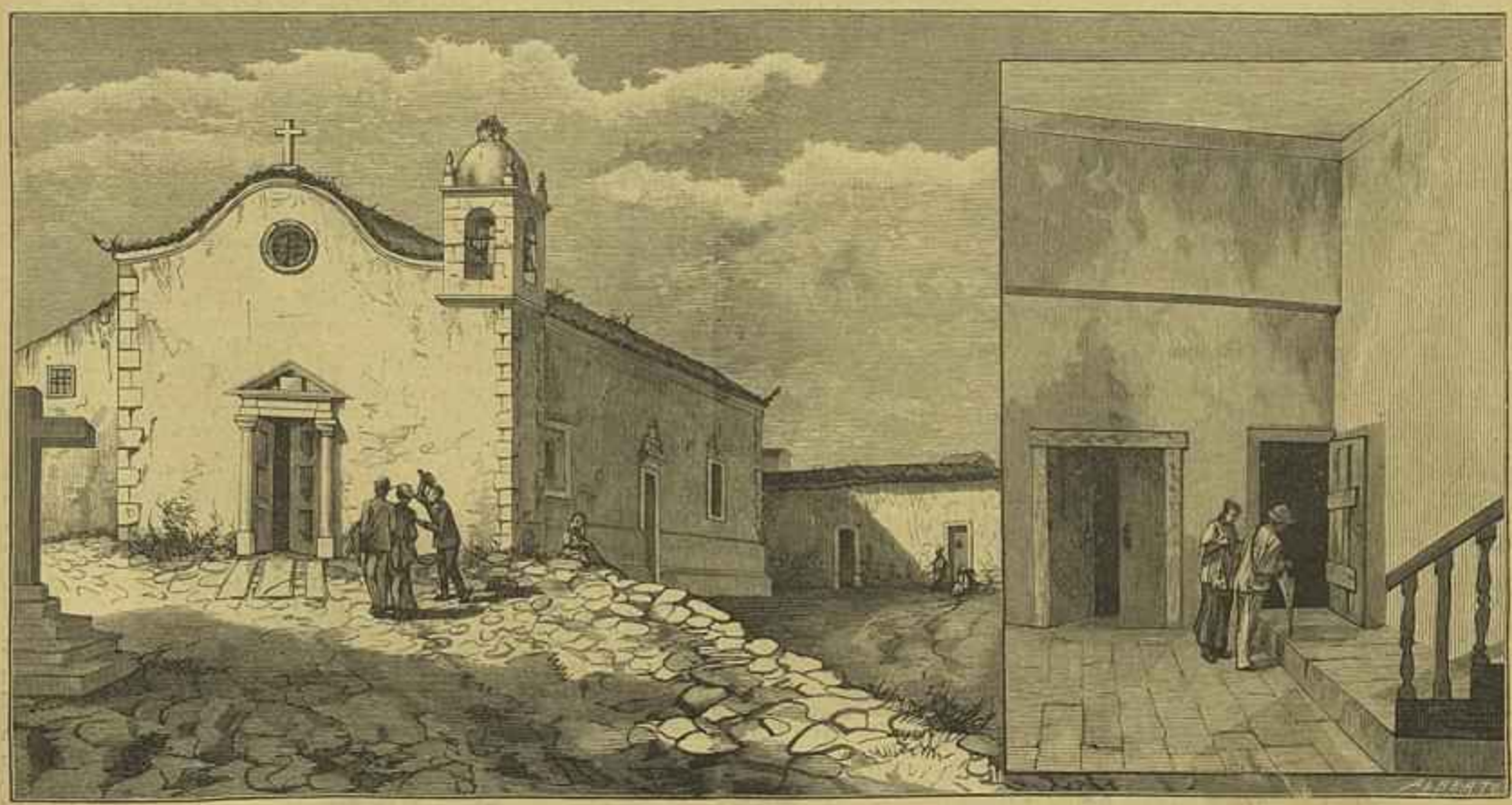
O massacre de D. Fernando de Vasconcellos e quarenta portuguezes que, tendo ido atrevidamente a Dahul queimar ali os navios do Hidalcão e voltando gloriosos com as embarcações apresadas, foram temerariamente desembarcar no acampamento dos indios, causou um grande desgosto a D. Luiz, mas não o impediu isto de mandar galhardamente um magnifico corcel de guerra, presente do rei d'Ormuz, ao Hidalcão, que o cubiçara para fazer a sua entrada triumphal em Gôa.

Uns poucos de mezes haviam passado, chegara o inverno, e o vice-rei fôra já ferido duas vezes. Os sitiantes enviaram propostas de paz, mas em condições que D. Luiz repelliu.

No exercito indio havia valentes capitães mouros que dirigiam os assaltos; Solimão Aga do cimo d'um outeiro fazia sobre a ilha um fogo terrivel e D. Luiz d'Athaide apenas dispunha de trinta peças para responder a tresentas, mas a pericia dos artilheiros compensava a falta. A tactica do vice-rei consistia em tomar sempre a offensiva. D'uma vez o Hidalcão tentou abrir passagem por differentes partes e os nossos, que tiveram d'accudir a todos os logares ameaçados, combateram n'alguns pontos com a agua até ao peito, n'uma desproporção numerica assombrosa. Felizmente recebeu D. Luiz os importantes soccorros das esquadras de D. Diogo de Menezes, que batera a frota do Samorim e de Luiz de Mello que, em Malaca, alcançara uma brilhante victoria sobre o sultão d'Achem, destroçando-lhe a armada. A este tempo era Onor atacada pelos indios e brilhantemente defendida por Jorge de Moura e pela guarnição.

Em Chaul as cousas não deixavam de inquietar

## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



EGREJA DE NOSSA SENHORA D'AJUDA, EM PENICHE ONDE SE GUARDAM OS RESTOS MORTAES DE D. LUIZ DE ATHAYDE

(Desenho do sr. Ribeiro Arthur) — Vide artigo D. Luiz de Athayde, etc.

DESCOBRIMENTO DO CABO DA BOA ESPERANÇA POR BARTHOLOMEU DIAS, QUE COLLOCA O PADRÃO DE S. FILIPPE

(Copia do desenho do fallecido professor Victor Bastos)

o vice-rei, que mandou ainda novos soccorros á praça. O Samorim, a quem D. Diogo de Menezes fechara os portos com a sua esquadra, conseguira illudir-lhe a vigilancia e mandar a Nizamaluco uma frota, que os portuguezes n'um combate destruiram. Luctava-se heroicamente. A defesa do presidio de S. Francisco, commandado por Nuno Velho Pereira é extraordinaria; nas avançadas combatia-se a um contra cem. Domingos Alamo com os pés queimados pela explosão d'uma mina pelejava sentado com furor e energia de são. Já o baluarte arrasado e invadido, e ainda a pequena guarnição ahi batia o inimigo. No baluarte da Cruz, Henrique de Bettencourt, a mão direita cortada, combate sem affrouxar com a esquerda.

Nizamaluco assaltara Caranja, Damão, Baçaim, que se defendiam. Em junho o Samorim cercou rigorosamente Chale, com outros cem mil homens. Batendo incessantemente a praça com a sua artilheria, fechava-a de tal modo a todos os soccorros que as primeiras embarcações que tentaram forçar-lhe a barra, commandadas por D. Antão de Noronha, governador de Cochim, tiveram de retroceder. Já havia trez mezes que durava o cerco quando D. Diogo de Menezes, acompanhado por D. Diogo d'Azambuja e Antonio Fernandes Chale, cada um commandando a sua fusta, conseguiram abastecer a praça, tendo de romper o cerco em pleno dia, sob uma chuva de balas que mataram uns quarenta portuguezes na passagem.

Em Chaul havia mais de quatrocentos portuguezes mortos, e os sitiantes tinham tomado alguns pontos. Em 29 de junho Nizamaluco preparou-se para um assalto geral, o qual se deu no dia seguinte, glorioso para os nossos que obtiveram uma victoria brilhantissima, fugindo mouros e indios em debandada, vendo-se Nizamaluco forçado a pensar seriamente na paz.

A Goa chegava ao vice-rei a falsa noticia da perda de Chaul, que muito o affligiu, voltando-se todos contra elle, tanto mais que a fome os apertava, reduzidos como estavam a sustentar-se d'ervas e algum peixe pescado sob o risco das balas inimigas; usando o vice-rei da mais severa economia nos viveres que tinha em deposito. Tentou o Hidalcão fazer largar fogo á polvora que havia nos armazens de Goa, mas o cuidado e vigilancia com que D. Luiz attendia a tudo frustraram este projecto do inimigo, o qual informado de que em Chaul se celebrava a paz com os portuguezes, cançado, e perdendo, talvez, a esperança do auxilio do turco, a quem a derrota de Lepanto fazia concentrar na Europa as melhores forças, começou a levantar o cerco e a retirar-se disfarçadamente, continuando a apresentar condicções de paz, que D. Luiz agora tinha o poder d'impôr.

Durante dez mezes empregara o vice-rei a sua actividade e a sua assombrosa energia em luctar contra exercitos tão extraordinariamente poderosos e contra o desanimo das populações corrompidas. No seu tempo já não existia na India o patriotico animo que levava as mulheres de Diu para os baluartes, nem o desprendimento que inspirava ás donas de Chaul a offerta das suas joias, mas os soldados e os capitães que do reino partiam para as aventuras do oriente encontravam na firmesa do grande general appoio e incitamento para extraordinarias façanhas. Todavia estes homens que praticam arrojos temerarios, não vão assaltar povoações indefezas, nem massacrar indios inermes; arrazam os valhacoutos dos piratas, batem-se na terra e no mar, com exercitos e esquadras, defendem e atacam fortalezas e não deixam, apezar d'algum inevitavel excesso, nenhuma d'essas grandes manchas de ferocidade e de rapina, que ensombram tantas vezes a nossa gloria. E' que na alma magnanima de D. Luiz d'Athaide havia um grande logar para a justiça, e elle impunha-se pelo respeito a todos os que serviam ao seu mando.

O nome de D. Luiz d'Athaide tornara-se tão grande na India, que um embaixador mandado, mais tarde, pelo Hidalcão a Lisboa, vendo-o de pé no gabinete de D. Sebastião, voltou dizendo que este era decerto o maior soberano do mundo, pois recebia d'homens como aquelle homenagem.

Por fatalidade para o dominio portuguez na India, não pensou D. Sebastião em confirmar a D. Luiz d'Athaide outros trez annos de vice-reinado, e, quatorze dias depois da retirada do Hidalcão, em 7 de setembro de 1571, chegava a Góa, vindo de Cochim, D. Antão de Noronha, munido de provisões da côrte, para lhe succeder no vice-reinado. D. Luiz entregou logo o governo, partindo para Lisboa, onde D. Sebastião o recebeu com as maiores honras.

Pouco depois da partida de D. Luiz rendia-se Chale, apezar dos soccorros levados e dos promettidos por D. Diogo de Menezes.

As lagrimas e as medrosas supplicas da mulher do velho governador, D. Jorge de Castro, levaram este á covardia d'uma capitulação contra a qual bradavam os seus brios de valente soldado.

As desordens e a indisciplina rebentaram na India logo apoz a partida do grande vice-rei. Dentro em pouco estava desorganisada a poderosa esquadra que conseguira formar. Acções brilhantes como a de D. Jorge de Castro, que no vice-reinado de Antonio Moniz Barreto, castigou rudemente o Samorim, e a de Mathias d'Albuquerque sobre o sultão d'Achem, á mistura com intrigas dos governantes, abusos, violencias, e novas guerras com os principes indios, justamente indignados contra perfidias dos governadores portuguezes, assignalam os annos decorridos até á segunda nomeação de D. Luiz d'Athaide para vice-rei. A sua chegada bastou para que mudasse a face das cousas.

A luminosa estrella de Portugal apagara-se porém, o grande general fôra mandado para a India porque se tinha recusado a approvar a loucura da jornada d'Africa, que seria o *in-pace* da nossa extraordinaria fortuna. D. Sebastião, que o considerava justamente o seu melhor general, offerecera-lhe o commando do exercito d'Africa; D. Luiz não podia acceital-o, não se atrevia a conduzir a flôr das tropas portuguezas ao massacre vendo a teima do rei em dirigir pelos seus planos temerarios e loucamente impensados, a expedição.

Chegando á India participou ali a empreza, e convidou os mais valorosos capitães a partirem em seu auxilio, mas o desastre fôra tão rapido e fatal que, quando D. Luiz d'Athaide incitava os soldados da India a accudirem ao seu rei, já este jazia morto e o exercito portuguez desbaratado nos ardentes areaes d'Alcacer-Kibir.

Depois chegou a noticia da invasão de Filippe e o velho general glorioso não podia acreditar na perda da patria, nem conformar-se com o dominio estrangeiro. Filippe temia-o. Correra o boato de que D. Luiz d'Athaide, preparando uma esquadra, pedira o auxilio da França e da Inglaterra para vir expulsar o governo hespanhol, mas a morte veio aniquillar quaesquer projectos que formara, e as ultimas palavras do grande homem fôram:

«*Morra eu e seja tudo contra Portugal.*»

*

Ao canto d'um armario da igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, na velha, e hoje desmantellada praça de Peniche, existe uma ossada que os annos se recusam, apezar do desprezo com que a tem tratado, a tornar em pó. São os restos do grande general que fez tremer Filippe atravez de toda a distancia que separa Lisboa do Oriente, é a ossada do homem illustre que assombrou todos os monarchas da India, de D. Luiz d'Athaide, conde d'Atouguia, alcaide mór e senhor de Peniche.

N'essa pequena peninsula que as ondas do oceano batem, defendendo-a, tanto ou mais que as altas muralhas, mandara D. Luiz d'Athaide edificar um mosteiro e n'elle a sua sepultura. Quando os francezes invadiram Portugal, soldados de Tomières, aquartellados em Peniche, suppondo que o tumulo d'um vice-rei da India occultaria fabulosas riquezas, apezar d'abrigado n'um pobre convento de franciscanos, arrombaram-n'o, e quando, pela condemnação das ordens religiosas, o convento do Bom Jesus de Peniche foi abandonado, cahindo em ruinas, destruido não sei como, o sepulchro de D. Luiz d'Athaide, do qual julgo não existe pedra, foi a ossada do heroe transportada para a igreja d'Ajuda.

Apodrecido pela humidade o caixão que a guardava lá ficou por muito tempo arrumada para um canto do armario, juntamente com as caveiras e tibias empregadas na armação d'eças para missas de defuntos.

A sua côr, devida certamente a particularidades d'inhumação, distinguiam-n'a dos outros restos, circumstancia a que deve, talvez, o não ter desapparecido inteiramente.

Em 1878, o vice-presidente da camara de Peniche, João Baptista Ribeiro Guisado, José Ivo Carreira e Bartholomeu Sesinando Ribeiro Arthur então commandante do destacamento d'artilheria aquartellado na praça, n'uma visita feita á igreja d'Ajuda, surprehendidos pela vergonhosa maneira porque estavam tratados os restos de tão grande homem, mandaram fazer uma urna de pinho e n'ella os recolheram. N'uma sessão da camara o vice-presidente Ribeiro Guisado lançou e approvou uma verba destinada á trasladação dos ossos de D. Luiz d'Athaide para mais condigna sepultura. Porém a escassez de recursos d'uma povoação que vive da incerta industria da pesca, e é assolada por successivos mezes de miseria, fazia impossivel a levantada idéa d'ali erigir um tumulo digno do heroe da India, e a urna de pinho lá está esperando que a humidade a desfaça, apoz o que algum ignaro sachristão, limpando o armario, arremessará a veneranda ossada para o carneiro commum.

N'este momento em que se pensa na glorificação da nossa epopeia maritima, em que tentamos recordar ao mundo que metade d'elle foi por nos descoberta, em que todos procuram prestar o obulo da sua intelligencia ou do seu coração á celebração d'esses annos que gastámos em descobrir, conquistar e colonisar o vasto imperio que:

O sol logo em nascendo vê primeiro
Ve-o tambem no meio do hemispherio
E quando desce o deixa derradeiro

e que transformaram este pequeno paiz, esquecido no extremo occidente, na primeira potencia maritima do seculo XVI, n'este momento em que despertamos a curiosidade da Europa, a qual vendo nos tão pequenos se assombra de termos sido tão grandes, não será occasião de reparar uma falta que é um desdouro, um descuido que é uma vergonha?

Não haverá logar n'esse templo, que celebra a gloria e a fortuna dos nossos navegadores, onde se eleva o tumulo do poeta que as cantou, onde vão repousar os restos do descobridor da India, não haverá logar para a ossada do ultimo heroe que n'essa India glorificou o nome portuguez?

Entre todos os projectos que se formam para o centenario nenhum vejo que valha este acto de justiça. Por certo se julgaria bem honrado o navio da armada portugueza, tão altiva e tão ciosa da nossa fama, que fosse encarregado de transportar dignamente para o logar que lhe compete os restos do ultimo dos grandes vice-reis da India.

D. Luiz d'Athaide é um dos vultos notaveis da nossa historia; não lhe couberam os vastos planos d'Albuquerque, nem o podemos considerar o habil politico que foi o conquistador de Góa e de Ormuz, não foi como D. João de Castro o heroe lendario, cavalleiroso e santo, cuja virtude declamatoria seduzia as multidões, mas se não revestiu a forma ideal com que Jacintho Freire de Andrade nos apresenta o seu heroe, D. Luiz d'Athaide allia a egual valor e grandeza d'alma, superior talento governativo, e outra seria a sorte de nosso imperio no oriente se a homens de taes qualidades podesse ter cabido sempre o seu governo. Simples no cumprimento do dever, grande na resolução, firme no mando, d'intelligencia clara e recto espirito, elle só, no soberano heroismo da sua alma, encontrou força para suster o desmoronamento d'esse imperio, abalado pela colligação de poderosos inimigos e pela corrupção e desordens que no interior profundamente o minavam.

O respeito pela memoria dos seus grandes homens é um dos primeiros deveres dos paizes que se prezam, e agora, que vamos celebrar um acontecimento a que se liga o nome de quantos pelos vastos mares immortalisaram a patria portugueza, será possivel não sentirmos um assomo de pejo por termos em tão nefando abandono a memoria d'esse homem que entre os grandes foi um dos maiores?

Lisboa, 11 de março de 1898.

*Maria Ribeiro Arthur.*

---

# OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

—

(Continuado do numero anterior)

## XII

O engenheiro Eneas não compreende nada, os outros compreendem pouco; Frederico compreendeu tudo

Um philosopho, qualquer dia d'estes, dará, do homem, a seguinte definição: — «O homem é um bipede implume que faz programmas para os não cumprir; se d'ahi a tempos outro philosopho definirá o homem como: «um animal que define».

O programma em que concordaram os dois amigos foi não fazerem programma de especie alguma: d'este modo ficavam senhores de podêrem, em qualquer ensejo, aproveitar a conjunctura para dizer ou fazer — o que? — uma coisa qualquer.

E para em tudo darem razão ao tal philosopho

do porvir, depois de terem solemnemente expulso o programma, pela porta fóra, recolheram-n'o, ás escondidas, pela janella.

Ficou, pois, combinado não só deixar a Amalia na persuasão de que o seu estratagema surtira effeito, como tambem animal-a a que proseguisse em seu anonymato epistolar, excitando-a a corrigir o desventurado Frederico. Entretanto veriam como e que pouco a pouco se havia de melhorar a triste ideia que ella formára com respeito ao mancebo.

O ideal seria terem conseguido que se apaixonassem loucamente um pelo outro, e de modo que não houvessem socêgo emquanto não casassem — mesmo nas barbas do engenheiro Eneas; até áquelle ponto, porém, não attingiam ainda as vistas dos dois amigos.

O programma principiou a executar-se no dia seguinte, quando a Amalia, encontrando-se um momento a sós com o Romulo e o Joaquim, quiz saber se o Frederico fôra realmente ao baile da baroneza, conforme afirmára: responderam ambos que desde o momento em que elle o dissera, não havia motivo para pôr o caso em duvida.

A joven fez-se muito vermelha, descerrou os labios para fallar, mas callou-se.

— Os homens — começou o Romulo a dizer — dividem-se em duas classes: os que ainda procuram e os que já não procuram: o Frederico julga ser dos que já não procuram, — mas procura ainda.

— E o que é que elle procura — inquiriu a Amalia.

— Provavelmente nem elle proprio o saberia; o seu geniosinho familiar dir-lhe-hia: «Vae a casa da baronêza, talvez encontres *alguem*; e elle foi.

Ficou-se a Amalia por momentos taciturna, depois ergueu o semblante, cujo sorrizo contrafeito não conseguia dissipar lhe as sombras do pensamento, e para romper o silencio, perguntou:

— E o senhor Romulo, tambem procura ainda?

— Quer-me parecer que não.

— O que foi então que encontrou?

Pretendeu o ancião dar uma d'essas respostas tristes que se collocam entre dois sorrizos, conteve-se, porém, e disse:

— Encontrei a resignação e a fé.

— E o que eu procuro! — afirmou a Amalia com extranho socego.

— A fé? — perguntou, surpreendido, o Romulo.

— Sim, a fé; minha mãe encontrou-a, tal qual o senhor, mas não meu pae.

— Como eu! — exclamou o Joaquim: — verdade seja que não me cancei muito para a encontrar.

— E o senhor, o que procurou?

— Eu? — nada!

— E que encontrou?

— Nada.

E o Joaquim pronunciou estes dois *nada* com tão ingenua e singella satisfação, que na sua bocca chegavam a parecer alguma coisa.

A resposta da Amalia introduzira um certo sobresalto no coração do Romulo. Mais tarde, recommendou este ao amigo que não fizesse grande caso das palavras d'uma pequena, porque se a Amalia julgava andar á procura não sei de quê, o que ella na realidade buscáva era o amor, e que assim que o tivesse encontrado, a fé tão pouco lhe faltaria.

— Tu verás, dizia comsigo, dizendo-o ao Joaquim.

Este, respondeu:

— Hei-de ver, mas tanto se me dá: do que a Amalia necessita não é de fé, é de marido.

Havia, no passado do Frederico, n'aquella sua vida de solteiro tão ociosa, alguns episodios que lhe davam honra. Não perdia Romulo ensejo de os recordar, e quando o fazia, valendo-se dos artificios todos da rhetorica, perante a joven mais bonita do universo inteiro, sem já saber o que dissesse em abono do seu candidato, fazia-lhe emprestimos, *cœvi meu*, attribuindo-lhe virtudes proprias e roubando até prendas ao proximo para com ellas o enfeitar.

Amalia contentava-se com dizer que não haveria acreditado que aquelle patriota fosse capaz de semelhantes façanhas.

— Esse patarata é capaz de tudo; até mesmo de não ser patarata... Uma vez...

Fica entendido que o Frederico, uma vez, realizára proeza digna dos tempos heroicos, sem dizer nada a ninguem.

— Mas como é que o soube?

— Porque no Casino não se fallava n'outra coisa — exclamou o Joaquim — já sabe, não ha nada que se não venha a saber; quando o interessado não falla...

— Quando o interessado não falla — interrompeu a Amalia — fallam os cavallos de sella... O mundo está cheio de gente *modesta* da laia do sr. Frederico; de gente que encobre a vaidade para com ella melhor especular. Em compensação vae cada vez sendo mais rara a vaidade ingenua que se contenta com 5 por 100: os modestos querem a 30 e a 40.

Ao Joaquim agradou sobremodo aquella comparação.

— Magnifico! — disse — eu, por exemplo, sou d'esses; se qualquer coisa me lisongeia, deixo a dizer; se me cabe um louvor, reclamo-o porque é meu: é esta a verdadeira justiça. E congratulou-se de ter sido justo d'este modo toda a sua vida.

A Amalia, n'esta argumentação sobre a modestia, fizera tambem as suas reflexões, e havia chegado a certas conclusões da sua lavra, que não deixavam de ser justas, mas que o eram talvez em demasia, pelo que, tendo mostrado uma pontinha d'aquella verdade, não se deu por satisfeita sem a ter mostrado toda.

— A modestia dos grandes homens é tambem modestia muito especial — exclamou. — E senão, dizei-me, senhores, que merito haverá em não mendigar um caldinho de elogios quando todos á porfia vol-o apresentam temperado de mil maneiras, dando-se por muito felizes que vos digneis ao menos proval-o. Que merito haverá em occultar o contentamento que o elogio produz, quando essa dissimulação, essa mentira, vol-a convertem em mais uma virtude e vol a attribuem, a todo o transe?

— D'essa forma, merito, para que digamos, não o ha — opinou o Joaquim.

— A modestia — concluiu a Amalia — é uma virtude de luxo; e nós somos pobres de mais para entrarmos n'essa despeza; importaria muito á nossa vaidade; os ricos aos quaes chega para o superfluo, podem tambem ser modestos.

— Nós cá somos gente pobre, não a podemos desperdiçar — observou o Joaquim regosijado.

E o Romulo, que escutára sorrindo tudo quanto dito fica, achou modo de encaixar novos encómios na conta de Frederico. Tocou então a vez á Amalia de escutar em silencio, e com leve tregeito de mofa nos labios.

— Esse palanfrorio todo a respeito da modestia — concluiu pouco depois — veiu a proposito do sr. Frederico, que é um patarata, e não tem a pesar-lhe na consciencia peccados de falsa modestia; escusa de estar a dizer que não com a cabeça, sr. Romulo; ninguem me tira da ideia que o seu protegido é um patarata...

— E eu affirmo-lhe que sim; pois não reparou no modo como vae lendo quanta declaração anonyma recebe?

— Porque está persuadido de que são meras brincadeiras dos seus amigos — disse o Joaquim.

— Persuadido devéras? — perguntou a joven.

— Creio que sim...

— E serão, com effeito brincadeiras?

— Eu creio que não — apressou-se a dizer o Romulo, — Frederico é bonito rapaz — é rico...

— Admirar-me-hia muito se lhe escrevessem por causa da sua belleza; mas como é rico não me admiro.

O Romulo estava sobre brazas; já experimentara os louvores, os ciumes e mais não havia a experimentar; porém, emquanto o engenheiro Enéas fosse vindo, e divisando a situação tal como estava; emquanto no animo da donzella persistisse aquella absurda malevolencia para com o Frederico, a sua doutrina amorosa continuava a dizer lhe que elle e ella haviam nascido um para o outro.

O peior é que ninguem mais vira o Frederico; por mais phrases tentadoras que os dois cumplices lhe enviassem, por intermedio do periodico, o mancebo não accudia a lêl-o em casa de Trombeta, circumstancia, que, posto que por um lado servisse para corrigir a errada opinião da Amalia ácerca da vaidade de Frederico, não permettia, comtudo, que dessem um passo aquelles dois caracteres indoceis que o Romulo via, com os olhos do desejo, jungidos ao mesmo carro: o do matrimonio. Isto sem contar que era impossivel saber se a Amalia continuava por conta propria aquelle joguete epistolar que tanto a divertia.

Haviam-se lisongeado de entabolar uma partida de damas, na qual não devia ser difficil, mediante fingidas surprezas, fazer com que se descobrisse a formosa adversaria... pois, não senhor, aquelle folgazão do Frederico, nem sequer n'isto se entretinha, e como nunca fallava em tal, ia escondendo o jogo.

Reinava a mesma incerteza e a partida encetada pelos dois velhos seguia de má vontade nas trevas, quando, uma noite, eis que se apresenta o Frederico, e na nossa conhecida secção *Noticias da Bolsa*, leu com a *chocarreira preguiça*, do costume, o seguinte:

«Sei que o senhor está procedendo a excavações para encontrar um thezouro escondido; o senhor é rico e póde-o fazer, porque, está claro que nada encontrará. E que faz o homem que, durante seculos corre atraz da verdade, sem jámais a alcançar, senão buscar um thezouro inutil, esquecendo-se do amor, que é para ella a verdadeira riqueza?»

— Reconheço o estylo da Amalia — disse, baixinho, o Joaquim para o amigo.

— Tóla! — murmurou a Amalia, porém, sem convicção.

— E é certo o senhor não encontrar o thesouro? — perguntou o doutor.

— E' falso; ha dias, sem que vamos mais longe, encontrei eu um ponção da edade do bronze

— E o que vem a ser um ponção da edade do bronze?

— Eu até ha pouco tambem ainda o não sabia; informei-me porém e disseram-me que era uma agulha para costura... instrumento de que se servem os paleontologos para fazerem rabiar a machina Howe de fio duplo.

Proferiu estas palavras com accento chocarreiro.

— Visto isso não aprecia os eruditos?

— Desprezo a sua sciencia impotente.

— E como sabe o senhor se ella é impotente?

— Eu não sei nada; sou tambem um ignorante, penso, porém, que com um mergulho no canal ou um salto do quarto andar, qualquer estupido póde saber mais do que o medico, o astronomo ou o philosopho.

«Crê na outra vida!» pensou a Amalia.

(Continua). *Pin-Sêl.*

# NECROLOGIA

## LUIZ FILIPPE LEITE

No dia 16 do corrente, expirou na sua casa de Pedrouços, onde desde algum tempo vivia affastado da sociedade e dos seus innumeros amigos, entretendo as horas d'ócio na revisão dos seus pequenos opusculos e na traducção das poesias mais delicadas e mimosas dos auctores francezes, este distincto professor do ensino official secundario, cujos merecimentos por tantos titulos o tornaram um caracter e um espirito dignos do maior respeito e veneração.

Ainda na ultima sessão da Academia Real das Sciencias, o sr. Silveira de Motta se referiu com palavras de verdadeiro pezar ao passamento de Luiz Filippe Leite o amigo e discipulo do eminente poeta Castilho, e elogiou o seu alto merecimento comprovado não só nas suas obras mas nas differentes commissões que exerceu, e propoz que na acta se lançasse um voto de profundo sentimento pela morte de tão illustre consocio.

Acerca das relações de Filippe Leite com Castilho fez em seguida o sr dr. Theophilo Braga uma interessante communicação, associando-se ao voto proposto.

N'essa assembléa academica se dispensaram, pois, merecidissimas expressões de louvor e pezar á memoria do illustre professor fallecido.

Registando tal passamento, O OCCIDENTE ajunta á publicação do retrato alguns traços biographicos, que por si só mostrarão claramente o valor do extincto, e presta assim a sua piedosa homenagem a tão dedicado propugnador da instrucção.

Luiz Filippe Leite nasceu em Lisboa a 13 de setembro de 1828, e foram seus paes Pedro de Alcantara Leite, official amnistiado, tendo o curso do Collegio Militar, e o de Infanteria pela Academia da Marinha, e D. Eusebia Carlota da Silveira senhora muito prendada e de rara illustração.

Na tenra edade de 12 annos, foi Luiz Filippe Leite com seus paes para Ponta Delgada, onde elles iam estabelecer o primeiro collegio de educação d'aquelle archipelago, collegio que obteve grande fama e d'onde sairam muitos alumnos distinctos para a nossa Universidade. Entre elles citaremos Anthero do Quental e o dr. Filomeno do Canto, que foi lente da mesma Universidade.

Na secção feminina alli foram educadas muitas das mais illustres senhoras da Ilha de S. Miguel.

N'aquelle collegio e no Lyceu de Ponta Delgada fez Filippe Leite o seu curso secundario seguindo em 1845 para Lisboa, com o posto de sargento de caçadores 4, para frequentar a Escola Polytechnica; interrompeu porém o seu curso pela revolta da Maria da Fonte, em que se involveu, como quasi todos os estudantes das nossas escolas.

Regressando a Ponta Delgada, foi-lhe dada baixa do serviço por motivos politicos. Dedicou-se ao ensino, e concorreu á cadeira de francez e inglez d'aquelle lyceu, fazendo um concurso brilhante, e sendo nomeado professor.

Tendo fixado a sua residencia em Ponta Delgada, o illustre poeta Antonio Feliciano de Castilho, em breve Filippe Leite se ligou a elle com a mais profunda amisade e dedicação, tornando se seu secretario, e trabalhando dedicadamente com elle. D'esta convivencia intima resultou o seu amôr ás lettras e á poesia.

Collaborou então com o grande poeta na reforma do ensino primario elementar, sendo um dos principaes apostolos do *Methodo portuguez Castilho*, ou de *Leitura-repentina*.

Em 1851, foi nomeado director da Escola Normal Primaria de Lisboa, regressando por isso a esta cidade com sua familia, onde já se encontrava Antonio Feliciano de Castilho; e, continuando o seu convivio com o grande poeta, foi tambem um dos promotores dos cursos normaes realisados no palacio Sarmento, á Estrella, e na sala da Bibliotheca dos Paulistas.

Insistindo sempre com diversos ministros da pasta do reino, para que se abrisse a Escola Normal de que era director, foi encarregado por Rodrigo da Fonseca Magalhães de dirigir um curso normal de habilitação para o Magisterio na Real Casa Pia de Lisboa, tanto a alumnos, como a alumnas d'aquella importante casa de educação, sahindo d'este curso alguns professores muito distinctos.

Filiado no partido progressista, a que sempre pertenceu, Fillippe Leite collaborou e dirigiu differentes jornaes e entre elles a *Opinião*, o *Progresso* e o *Futuro*; e durante muitos annos foi correspondente do *Diario de Pernambuco*, e de alguns outros jornaes do Brazil; tendo fundado o *Correio da Europa*, jornal que se publicava nas vesperas das saidas dos paquetes para Africa e America.

Subindo ao poder o partido progressista, foi-lhe offerecido pelo duque de Avila o logar de primeiro official da secretaria da Fazenda, logar que não acceitou, insistindo com o duque de Loulé, então presidente do conselho e ministro do reino, para que se realisasse a abertura da Escola Normal, o que se effectuou em abril de 1862.

Na direcção d'esta escola prestou grandes serviços á instrucção, iniciando as grandes reformas do ensino, e saindo d'ella os mais abalisados professores, versados nos intimos segredos da pedagogia, da educação e do ensino.

Foi então que José Maria Eugenio de Almeida escolheu um d'esses mais distinctos alumnos da nova Escola Normal, sr Simões Raposo, e encarregou-o da reforma completa do ensino na Casa Pia de Lisboa, que em breve se tornou modelo, com a collaboração de outros alumnos normalistas, não menos distinctos, taes como: Castro Rodrigues, Coelho Ribeiro, Servulo da Matta, e outros.

Com as reformas feitas pelo Bispo de Vizeu, foi a antiga Escola Normal transferida para Lisboa, e collocados os professores no Lyceu da mesma cidade, sendo nomeado novo pessoal docente d'entre os professores de instrucção primaria, antigos normalistas, entre elles o sr. conselheiro João José da Silva, actual juiz da Relação de Lisboa, ao qual succederam Theophilo Ferreira, Luiz de Sousa, e Simões Raposo.

Durante muitos annos, regeu Luiz Filippe Leite o curso de francez no Lyceu de Lisboa, até que uma lesão cardiaca, que se manifestava em repetidos e incommodos ataques de asthma, o obrigou a aposentar-se.

Tanto em Ponta Delgada como depois em Lisboa, publicou o illustrado professor uma serie de livrinhos para creanças, tendo por assumpto os *Deveres dos meninos*, *Soberba*, *Preceitos hygienicos* (em verso); *A Cirilidade* (em verso), *Giraldinho* e outros sob o titulo *Ramalhetinho da Puericia*, que depois reuniu tudo em um pequeno volume, ainda com o mesmo titulo, e accrescentado de outros assumptos, taes como principios geraes de geographia, a imprensa e o papel, etc.

Este modesto opusculo foi muito apreciado pelas creanças, que ainda depois de homens se lembram com saudade do interesse com que o liam e reliam. Esta obra teve grande numero de edições.

Filippe Leite collaborou no *Diccionario Contemporaneo*, sob a direcção do erudito dr. Santos Valente; reviu o grande *Diccionario Contemporaneo Francez-Portuguez* de Domingos de Azevedo, e publicou uma selecta portugueza, que por muitos annos foi adoptada no ensino official, e ainda hoje está approvada para as Escolas-Normaes e para os cursos de habilitação ao magisterio primario.

Egualmente escreveu em differentes jornaes litterarios, e, entre outros, publicou no *Primeiro de Janeiro*, do Porto, uma importante serie de artigos romantisados, tratando elementarmente de differentes assumptos scientificos e sociaes, em estylo ao alcance da mocidade.

Ultimamente tratava de collecionar estes artigos em volume para os publicar, formando assim uma obra didactica de grande merecimento e cujo titulo seria *Nas Dhalias*.

Cultivou tambem a poesia, de que se publicaram differentes peças em jornaes litterarios e politicos, porém nunca as colleccionou.

Das varias traducções que fez ultimamente damos em seguida uma bella versão inedita de uma encantadora poesia de Victor Hugo, e que bem evidenciará a facilidade com que manejava o edioma francez, em cujo ensino tão distincto se tornou.

Filippe Leite era membro de muitos academias e institutos litterarios e scientificos, sendo socio correspondente da Academia Real das Sciencias.

Caracter honesto, o illustre professor morreu pobre, justamente pranteado por sua esposa e companheira inseparavel, sr.ª D. Iria Magdalena dos Santos, por seus irmãos sr.ª D. Maria Luiza Leite de Sepulveda, esposa do sr. general de divisão Sepulveda, actualmente em Vizeu, e o general de brigada reformado e nosso illustre amigo

LUIZ FILIPPE LEITE

FALLECIDO EM 16 DO CORRENTE

sr. Pedro Eusebio Leite, professor de mathematica e sciencias naturaes no Lyceu de Lisboa, a quem apresentamos a expressão mais carinhosa do nosso pezar.

*Recordações do collegio*

(DE VICTOR-HUGO)

Deante dos olhos meus porque razão voltaes,
Dias da minha infancia alegres, festivaes?
Em nossos corações quasi extinctos, errantes,
Quem faz reabrir a flor das memorias distantes?
Como eu era sincero! Como era feliz!
Na aula um banco velho e gasto, sem vernix,
Uma mesa, uma estante um pesado tinteiro,
E ao cair da noite, o antigo candieiro,
Com toda a gravidade e até com certo amor
Me acolhiam sorrindo. Era o meu professor;
Como vezes sem fim vos disse, um sacerdote;
Tinha o metal de voz sonoro e o raro dote
Da constante bondade; ingenuo e infantil
Como um sabio; travesso e as vezes pueril;
A abraçar me dizia, o louvor fortifica,
«Com ter nove annos só, já o Tacito explica.»
Depois, do Eugenio ao pé, que p'ra si chamou Deus,
Trabalhava a um canto, e os pensamentos meus,
Que os tinha já tambem, lançava-os sem systema,
Nem medo no papel, alagando o meu thema
De barbarismos mil e dando a cada auctor
Uma interpretação de inhabil traductor;
Com o dorso curvado e a fronte muito perto
Do Gradus; eu cuidava, pois sempre está desperto
O espirito infantil, confusamente ouvir
Em grego e em latim palavras para rir,
Lambusadas, de tinta, alegres, zombeteiras,
Todas a cochichar como os pardaes nas eiras,
Dentro do diccionario obeso e colossal,
Um murmurio emfim ao d'um enxame egual
Quando fugindo vae; sopro mais brando e lento
Que um suspiro da noite, a fazer um momento
Sob os fechos de cobre as folhas oscilar
Do cartapacio ingente! E depois de acabar
O thema, todos nós, ligeiros como gamos,
Correndo p'los jardins entre flores e ramos
Gritavamos á uma oppostas opiniões.
Em passo desegual ouvindo essas questões
Seguia os meus irmãos; e as estrellas serenas
Brilhavam já nos céos. Voejavam as phalenas
No silencioso ar, e o meigo rouxinol,
Voando na sombra escura após o pôr do sol,
A musica ensinava a toda a natureza;
Emquanto ia a fallar com a louca afoiteza
De estouvado e brincão, lançando áquem e além
Os olhos de atrevido e de ingenuo tambem,
A chisparem prazer, tudo de afogadilho.
Eu levava na mão presos no mesmo atilho
Horacio e os festins, Virgilio e as florestas,
Todo o Olympo, Theseu, suas paixões funestas,
Hercules, Ceres, Juno, de Lerna a hydra atroz,
E da rocha Nemea esse leão feroz.

Pedroiços, 9 de janeiro de 1898.

Recebemos e agradecemos:

**Dos feitos de D Christovam de Gama.** — *Tratado composto por Miguel de Castanhoso, — publicado por Francisco Maria Esteves Pereira*, (publicação do centenario). É um dos volumes mais interessantes publicado sob os auspicios da Commissão do centenario, posto que, como a maior parte d'elles, não tenha relação directa com o facto historico que se commemora; ainda assim este facto prende-se de certo modo com a heroica figura do grande navegador e primeiro almirante da India, por se referir a um nobilissimo e distintinctissimo filho. A expedição memoravel de D. Christovão á Abyssinia, as suas victorias, o seu desastre e fim tragico, são bem conhecidas, assim como não deixa de o ser, a relação que d'esses successos escreveu Miguel de Castanhoso, — um dos capitães que o acompanhavam, e que n'aquell generosa empresa combateu valorosamente e deramou o seu sangue, — pelas duas edições portuguesas, e pela traducção que o Estado maior italiano publicou ha annos, quando a Italia começou as suas aventurosas e desastrosas tentativas sobre aquelle paiz. O distincto orientalista Sr. Esteves Pereira, honra da nossa engenheria militar, encontrando na Bibliotheca da Ajudo, um codice, contendo em manuscripto a relação de Castanhoso, copia segundo elle crê da primitiva redacção do auctor, de que o impresso para ser *um arranjo reformado na lingoagem*, o que facilmente cada um pode verificar, — julgou conveniente publical-a, comparando-a e enriquecendo-a de interessantes notas. Com esta publicação prestou o illustre engenheiro importante serviço ás letras patrias, e offereceu um subsidio valioso á historia dos nossos feitos no Oriente. De maior valia achamos a *Introducção*, onde o sabio escriptor trata sobria e substancialmente a historia d'aquelle heroico e brilhante mancebo, de cujos dotes tanto havia a esperar, e dá pela primeira vez uma noticia bastante circumstanciada de Miguel de Castanhoso, recheada de alguns factos desconhecidos de sua vida e familia. Estranhamos, porem, que em todo o volume se não fizesse a minima referencia ao nosso amigo e prestante collaborador o sr. general Brito Rebello, que nos consta ter sido quem facultou ao sabio engenheiro todos os esclarecimentos e documentos novos relativos a Castanhoso, de quem apenas se conhecia o *Tratado* e o que praticou na Abyssinia pelo que de si n'elle conta. Tambem notámos falta não só de um indice dos capitulos, mas, e principalmente do outro remissivo, ou onomasticon, que em trabalhos d'esta natureza é indispensavel, e hoje scientificamente obrigatorio. O valor e merecimento da obra solicita estes reparos.

**AVENTURAS D'UMA NOVIÇA**

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas côres, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

**Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.**

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39